

Revista Lusófona
de **Educação**

recensão



António Nóvoa. *Viagem. Por escolas de Portugal*. Lisboa, Porto Editora, 2026

O livro *Viagem. Por escolas de Portugal* de António Nóvoa propõe uma exploração singular das escolas portuguesas contemporâneas, que realizou entre 2023 e 2025. Avisa-nos que, na experiência a que se propôs, determinou-se numa aproximação das instituições educativas sem roteiro ou preparação, procurando atender a cada gesto, palavra e encontro que pudesse revelar a vida escolar na sua diversidade e complexidade. Cartografar e diagnosticar são, a meu ver, duas palavras justas para definir esta sua aventura. Mais do que relatar práticas, o livro busca compreender os processos internos de mudança, combinando uma dimensão crítica e afectiva. Ao mesmo tempo, não ignora os obstáculos à renovação pedagógica, o que o leva, também a ele, a sublinhar a importância de se trilharem os caminhos de uma verdadeira pedagogia do trabalho, da cooperação e da convivialidade. Este livro ensaia um novo dispositivo inédito de escrita na carreira deste historiador e comparatista.

A abrir, avisa-nos que esta viagem se fez “sem preparação”, “sem roteiro” e “sem guião”. Tratou-se, para ele, de, simplesmente, “apenas estar, ver e ouvir” as pessoas; de “sentir o ambiente das escolas e falar livremente com alunos, professores, funcionários, diretores e pais, nas salas de aula, nos gabinetes, nas salas dos professores, nos refeitórios, nos corredores, nos pátios”. E acrescenta: “O que me interessa são as histórias — pequenas, mínimas, desconcertantes. Espero que a viagem transforme o meu olhar. Sem exposição ao outro, não há conhecimento. Quero dirigir a atenção para a pequena coisa — um gesto, uma palavra, um encontro, um episódio, um detalhe, um desenho, um rosto... — e não para as grandes teorias ou programas. Aproveitar os imprevistos, os acontecimentos, ver no ordinário o extraordinário. Ver para além da vista” (11).

O livro dá conta dos efeitos de uma viagem de conhecimento do próprio viajante, correspondendo à possibilidade de um desapossamento, o mais puro possível do seu autor, a uma experiência inédita no seu longo percurso académico. Aqui, Nóvoa quer arriscar-se, pôr-se à prova. Quer dar-se ao encontro. Procura um estar junto-ao-outro, a fim de recriar-a-si próprio.

Surpreende-nos, anunciando, desde logo, que, ao contrário de tudo o que escreveu antes, “tudo neste livro é ficção”. Tenta, de facto, pôr em movimento um dispositivo de escrita que, de todo em todo, nunca exibira publicamente. Reconhece que, neste livro, faz apenas “inventar situações e histórias”, aproveitando-se de

“indícios e impressões” nas escolas. Mas adverte-nos, ao mesmo tempo, que em Viagem. Por escolas de Portugal não relatará “situações concretas”, nem tão pouco “estudos de caso” (13).

Adianta, ainda, que esta viagem lhe permitiu operar um outro movimento inédito. Mesmo sabendo-se de que, à sua maneira, todos os escritos, inclusive os académicos, são, de algum modo, autobiográficos. Nóvoa assume que, para ele, este livro “este é-o mais ainda”, confessando ao seu leitor: “aqui escrevo com a maior simplicidade de que sou capaz”; “descrevo as ‘coisas’ para falar das minhas perplexidades e inquietações”. E conclui – como que a dar-se conta de uma surpresa intempestiva que a mudança como sujeito da escrita lhe proporcionou esta situação nova – “este livro é um abuso!” (13). Esta experiência parece ter criado as condições de possibilidade e fez de facto emergir a hipótese da ficção e de uma escrita de si no interior do académico que é, de facto, António Nóvoa. O que o leva a dizer, a dado momento, a afirmar que “escrever não é descrever, é pensar, o que nos obriga a pausar” (11). É neste preciso sentido que a viagem se tornou aqui, a meu ver, uma experiência que pôs à prova e que se destinou, não apenas a mudar o carácter, mas a identidade mesma do viajante que, neste caso, se chama António Nóvoa.

O livro tem duas partes. A maior, denominada a Viagem, corresponde a 20 verbetes em que cada um deles ilustra um dia do itinerário, “ainda que misturando episódios e realidades de várias Escolas”; a segunda parte – a que chamou Depois da Viagem - reúne notas e apontamentos variados, que a própria experiência foi suscitando, procurando, aí, debruçar-se sobre “temas centrais do debate educativo” e, naturalmente, a apresentar um “balanço” do que foi dado conseguir ver e conhecer” (13).

Todos os verbetes da primeira parte apresentam, na sua primeira e segunda páginas, o caminho percorrido a cada dia, caminho este que surge desenhado no mapa de Portugal, seguido de uma palavra-chave ou conceito-disparador específico também para o dia respetivo. Cada uma das 20 palavras escolhidas é sucintamente apresentada a partir da sua etimologia e do seu significado imediato, expresso em dicionários da língua portuguesa, para, em seguida, fazer a sua problematização em pequenos ensaios que, em média, se desenvolvem ao longo de 7-8 páginas.

Um por um, os 20 conceitos escolhidos surgem para serem construídos e ganharem corpo a partir da experiência in situ, a partir do encontro. São também eles conceitos-a-caminho, modalidades de praticar a hospitalidade ao outro, de entrar em relação. Percebe-se que, para Nóvoa, os conceitos são perceptos mas também afetos. Assim intuídos, permitem que uma geografia interior cresça e se desenvolva no diálogo com as pessoas e com o mundo no seu próprio estar-a-acontecer.

O objetivo central do livro é o de promover aberturas, estabelecer ligações e porosidades, tentando, desse modo, derrubar os muros em que a escola é, tantas

vezes, não apenas vivida, mas também pensada e descrita. No conjunto, há conceitos que são mais próximos da mundividência educacional em que o autor tem circulado – Avaliação, Pedagogia, Autoridade, Formação, Inclusão, Intervisão, Autonomia, Profissional –, ao passo que os demais, que constituem a maioria, são consubstanciais aos debates acerca da mudança e dos futuros da nossa sociedade no seu conjunto. São eles: Colaboração, Encontro, Comunidade, Cooperação, Relação, Convergência, Convivialidade, Contrato, Território, Cidade, Ambiente e Digital.

A partir daqui, o autor adota uma postura crítica em relação ao presente, que vê como um tempo marcado por zonas de grande obscuridade. No seu entendimento, o campo educativo encontra-se saturado por discursos repetitivos, pouco estimulantes e, por vezes, até prejudiciais. Um dos principais desafios passa por contrariar as narrativas anti-escola que hoje proliferam, sobretudo nas redes sociais e em espaços de opinião, onde, frequentemente, se inviabiliza um debate informado e consistente. No seu entender, estes discursos tendem a repetir-se de forma cansativa ao longo do tempo, sustentados, mais em opiniões categóricas, do que em conhecimento fundamentado, com figuras mediáticas que contribuem para um ambiente que desvaloriza a reflexão crítica.

Em contrapartida, Nóvoa propõe uma outra forma de pensar a contemporaneidade: não como mera adesão ao presente imediato, mas como a capacidade de ganhar distância crítica para a compreender melhor. Ser contemporâneo implica, assim, ler a realidade para além do que é mais visível, identificando problemas e também sinais de transformação já em curso. Nesta perspetiva, defende uma esperança informada e construída a partir da análise rigorosa do real. É nesse horizonte que se insere o seu trabalho na UNESCO, nomeadamente na cátedra “Futuros da Educação”, ligada ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Para o autor, apesar de muitas vezes invisíveis, existem já múltiplas iniciativas dispersas — sociais, educativas, políticas e culturais — que constituem um terreno fértil para a construção do futuro, devendo ser reconhecidas, articuladas e potenciadas como caminhos possíveis de transformação.

Ao longo do texto, o autor evidencia uma preocupação constante em observar, problematizar e interpelar as instituições educativas, a partir das dinâmicas de participação cívica no espaço público, sublinhando a necessidade de produzir o comum e de fomentar comunidades alargadas de diálogo que ultrapassam os limites da escola. Atribui particular relevância às novas territorialidades e à redefinição das relações entre a escola e a cidade, entendendo o território, não como mero enquadramento geográfico, mas como espaço de presença, interação e pluralidade.

É neste sentido que formula um dos dilemas centrais da educação contemporânea: a construção de uma ligação efetiva ao território sem perda da identidade

própria da escola. Como afirma, “a escola é escola, mas habita um território”, sendo este entendido como um espaço de participação que integra diferentes perspetivas; o desafio reside, assim, em articular essa inserção territorial com a preservação da autonomia e da especificidade do trabalho educativo (p. 54).

Nóvoa questiona-se, uma e outra vez, sobre o que possa ser uma verdadeira pedagogia do trabalho, destinada a compreender e a aprender a fazer. Este é, a meu ver, o problema fundamental que o livro coloca. O nosso tempo exige a generalização e a democratização do ato da criação a partir da vivência escolar de cada aluno. Para tal, identifica, no interior próprio espaço escolar, outras centralidades que já não são as da velha sala de aula. Afirma que o maior desafio do nosso tempo é o da “formação do espírito, o que exige trabalho, que é, antes de mais, trabalho sobre si mesmo”. Para tanto, continua, “não basta frequentar obras exaltantes”; é necessário “adquirir o domínio dos instrumentos que nos permitam criá-las, que nos permitam avançar no conhecimento ou aceder a formas sofisticadas de expressão”. Cada aluno deve ser constituído como um “ator de cultura” (63). Defende que “o melhor passa-se, muitas vezes, fora da sala de aula”, na biblioteca, no laboratório, em assembleias de alunos...., que vê como espaços democráticos”(148).

O autor sublinha, amiudadas vezes, que a base de transformação das instituições educativas se encontra numa pedagogia da cooperação, da participação e da convivialidade. A comunidade educativa forja-se na igualdade do trabalho e na intensidade que nele todos investem. Ela traduz, por isso, uma arte “do encontro com os outros e que esta “arte do encontro” é “uma dimensão central da educação”, numa relação “fecunda entre mestres e discípulos”, concluindo que “a escola é um lugar artificial, uma invenção humana, um lugar de promessas” (59). E logo faz questão de, por um lado, recordar que a “participação” é constructo que “dá muito trabalho”, exigindo “capacidade de escuta, justiça, respeito, democracia” (84).; e de defender, por outro lado, que “o trabalho cooperativo é, também, o melhor meio para não deixar nenhum aluno para trás, perdido nas últimas filas da turma”. Avança, então, com a tese, muito presente nos seus últimos escritos, de que “só através de uma pedagogia do trabalho conseguiremos incluir todos os alunos, dando-lhes a oportunidade de terem verdadeiramente acesso aos conhecimentos e às experiências que fazem parte da realidade escolar” (85).

A Viagem termina com um balanço. Concluído o périplo pelos quatro cantos de Portugal, defende que é preciso “proteger, transformar e valorizar” as escolas e os seus docentes, proteger “essa instituição “única e insubstituível que se chama «escola», em particular na sua dimensão pública”. Reafirma a tese segundo a qual “valorizar o presente é a única maneira de manter aberto o futuro. Não para o antecipar ou controlar, mas para assumir a incerteza e alargar o horizonte” (183-184).

No final da viagem, é levado a reconhecer que ficou com a impressão de “uma estranha familiaridade”. É que “as escolas são muito diferentes, obviamente, mas, ao mesmo tempo, são muito semelhantes”. E pergunta-se: Será mesmo assim, ou são os olhos que me enganam?” (199). Do exposto na vintena de verbetes, afirma ter ficado com um misto contraditório de impressões. No final, impõe-se, tanto as zonas de escuridão como as formas da luz; dir-se-á que é o que acontece sempre a quem quer ser digno do seu tempo. Também Nóvoa parece afirmar a necessidade de um terceiro olho, aquele que faça ver a vida para lá das aparências falsas e permita ficar, efetivamente, na posse do conhecimento de tudo quanto nos enfraquece e imobiliza.

Primeiro, o lado solar da escola e o que o surpreendeu pela positiva. Refere-se ao “acolhimento dos alunos”, o que coloca a escola hoje como um espaço seguro de hospitalidade, afastada da crescente intolerância que cresce fora dela. Nóvoa nota que “em praticamente todas as escolas”, assistiu “a gestos de tenção e de cuidado por parte de funcionários, diretores e professores”. A escola afirma-se como lugar que integra e cuida dos “alunos em situação de vulnerabilidade, nomeadamente devido a condições de deficiência” (199-200). E o mesmo afirma quanto ao modo como os estudantes estrangeiros são recebidos.

No entanto, a par destas possibilidades de renovação, António Nóvoa identifica o reverso sombrio da realidade educativa, designado como “inércia pedagógica”. Esta, a seu ver, permanece amplamente intacta, apesar da proliferação de discursos que enfatizam a inovação, o uso de tecnologias e a diversificação de recursos e projetos em contexto escolar. A sua análise é particularmente incisiva, ao reconhecer que uma das maiores fragilidades do sistema reside, precisamente, na dificuldade de transformação das práticas pedagógicas, traduzida numa “incapacidade de renovação pedagógica por parte dos professores e das escolas” (p. 202).

Esta constatação sustenta-se pela observação de que, embora se verifiquem mudanças com algum significado ao nível discursivo e organizacional, no interior da sala de aula persistem formas de trabalho empobrecidas e pouco abertas à mudança. Como refere, mantém-se uma lógica de reprodução do modelo escolar tradicional, como se esta fosse a única forma de garantir estabilidade em contextos marcados pela incerteza. Tal situação revela, não apenas a ausência de condições estruturais, mas também uma dificuldade em mobilizar energia coletiva para experimentar novos processos de ensino e aprendizagem.

Neste contexto, a introdução das tecnologias surge, frequentemente, como a principal — e por vezes única — manifestação de mudança. Todavia, Nóvoa alerta para o carácter acrítico dessa integração, sublinhando que os dispositivos digitais tendem a ser encarados como facilitadores do trabalho docente e como elementos motivadores para os alunos, sem que haja uma reflexão aprofundada sobre os impactos do seu uso, nomeadamente quando este é inadequado.

Por último, propõe uma distinção particularmente elucidativa entre a abundância de “projetos” e a ausência de um verdadeiro “projeto” educativo. Se, por um lado, as escolas desenvolvem múltiplas iniciativas que enriquecem a sua dimensão cultural e social, por outro, evidencia-se a falta de uma orientação consistente centrada no núcleo da pedagogia. Esta ausência traduz-se numa dissociação entre os espaços de inovação — frequentemente situados fora da sala de aula — e a relativa imutabilidade das práticas pedagógicas no seu interior. Trata-se, como reconhece, de um diagnóstico exigente, mas indispensável para compreender a distância entre a ambição de uma “escola para todos”, inclusiva e democrática, e a sua efetiva concretização.

Na parte final da sua reflexão, António Nóvoa projeta a necessidade de um novo contrato social da educação, adequado a um tempo que caracteriza como sendo de encruzilhada. Esta renovação é entendida como um processo necessariamente complexo, que envolve o conjunto da sociedade, mas que não pode ser conduzido de forma centralizada. Pelo contrário, deverá assentar na identificação, valorização e articulação das múltiplas experiências educativas já em curso a nível global, exigindo, simultaneamente, um investimento reforçado na investigação que permita sustentar, de forma consistente, os caminhos de transformação.

Neste quadro, sublinha a importância de estudar, analisar e debater as práticas existentes, evitando soluções abstratas ou descontextualizadas. Reafirma, ainda, um princípio fundamental: qualquer horizonte de mudança deve preservar e reconhecer o papel estruturante das escolas e dos professores, rejeitando visões que os excluam de um hipotético futuro educativo.

Trata-se, numa palavra, de encontrar novas condições de possibilidade. De descobrir como articular conhecimento, experiência e responsabilidade coletiva. Toda uma outra viagem!

Apresentação por Jorge Ramos do Ó

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa-

ORCID: 0000-0003-1013-9244

jorge.o@ie.ul.pt

Data de submissão: Março, 2026

Data de avaliação: Março, 2026

Data de publicação: Maio, 2026